



ISSN 1984-5634

EDITORIAL

ENFRENTANDO AS TEMPESTADES DO ENSINO DE HISTÓRIA HOJE: POR ONDE NAVEGAR, QUAIS CAMINHOS PERCORRER?

VANDER GABRIEL CAMARGO¹

EDITOR-CHEFE:

Vicente da Silveira Detoni

EDITORA-GERENTE:

Renata dos Santos de Mattos

COMO CITAR:

CAMARGO, V. G. Enfrentando as tempestades do ensino de história hoje: por onde navegar, quais caminhos percorrer? *Aedos*, Porto Alegre, v. 15, n. 34, p. 3-5, jul.–dez., 2023.

<https://seer.ufrgs.br/aedos/>

O texto *Navegação histórica no turbilhão das redes* é iniciado por Sônia Meneses com considerações acerca de como o desenvolvimento e a difusão das novas tecnologias digitais, que estão cada vez mais nos lares brasileiros, cercou as pessoas com um mar de informações de maneira incontornável. O contexto em que foi publicado, em julho de 2020, momento em que, se as telas já faziam parte do cotidiano, as mesmas tornaram-se praticamente a própria vida de grande parte da população que esteve em isolamento social devido à alta taxa de contaminação do *coronavírus*. Mas a questão é, como navegar em meio a enxurrada de conteúdos que recebemos diariamente? Compreender é preciso, diz a historiadora.

Por que precisamos de um cuidado nas redes? Meneses relembra que quando o acesso aos sítios digitais tornou-se mais comum, se entendia ser um momento de democratização do acesso às informações, todavia, hoje se observa um fenômeno de descontrole acerca do que se é publicado. Não há uma regulamentação que não seja de ordem dos próprios donos das redes sociais, o que vem dando margem para a circulação de discursos de ódio ou então de negacionismos científicos, como se assistiu nos ataques contra medidas sanitárias de saúde em meio à pandemia. Nesse mar revolto, o campo da História também sofre com os perigos das inundações que somente as barreiras de livros, por vezes, não são capazes de conter.

Se no meio das redes sociais predominam as grandes empresas, que com seus gigantescos navios de capital controlam o fluxo das águas que chegam àqueles que entram no oceano digital, como se assegurar que os caminhos tomados podem ser confiáveis ou não? Organizações que dizem que vão “revelar a verdade” que não ensinaram nas escolas aparecem nos

¹ Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGH/UFRGS) e um dos coordenadores do projeto de extensão “ERGANE: Arqueologia Digital na Educação”. ORCID iD: 0000-0003-1706-0459. E-mail: vandergabriel2008@hotmail.com

primeiros resultados de busca na maior parte das vezes em que se pesquisa algum tema histórico graças aos seus anúncios pagos difíceis de contornar. Essas instituições pseudo-científicas fazem de tudo para deslegitimar o que educadores ensinam nos espaços escolares, ao passo que denunciam uma suposta doutrinação nos currículos atuais de História.

As disputas e tensões no território da história, na verdade, ocorrem desde há muito tempo. Refletindo sobre as origens do ensino de História, Circe Bittencourt evidencia que a prática nunca foi caracterizada por uma “parcialidade”, como setores da sociedade vem defendendo desde meados da década passada. Antes mesmo da criação da disciplina em si, entre os séculos XVI e XVIII, o passado era estudado a fins de consolidar uma determinada moral na sociedade, de atuar na manutenção do corpo das elite ou então justificar comportamentos, como a escravidão (2018, p.128-130). Com a formação dos Estados-nações, séculos XVIII-XIX, as finalidades do ensino de História modificaram-se substancialmente, época da sua utilização para consolidar uma identidade nacional e construir narrativas do passado das pátrias europeias que teriam fundamentos na antiguidade greco-romana (*ibid.*, p.130). No Brasil, o início do ensino de História seguiu a mesma lógica, a missão, conforme o Christian Laville, era incutir nas consciências uma narrativa única glorificando a nação ou a comunidade, na qual a pessoa fazia parte como cidadã-súdita, que teria de aprender a passado da sua pátria para desenvolver uma devoção pela mesma (1999, p.126-127).

A noção de uma educação cívica, no Brasil, vem sendo substituída, nas últimas décadas do século XX, por uma pedagogia centrada no processo de aprendizado ativo de discentes. Em meio à isso, transformaram-se os objetivos do ensino de História, o qual não é mais centrado na valorização da história da nação, mas no objetivo formativo de construir capacidades das pessoas participarem de maneira autônoma na sociedade, ao mesmo tempo em que se abordam narrativas de passados não europeus e se exploram perspectivas não centradas no homem branco cis e na heteronormatividade (LAVILLE, 1999). Todavia, as tensões e disputas não cessam por aí, sendo hoje, os conteúdos atacados explicitamente e os objetivos formativos silenciosamente suprimidos com vistas a retornar a uma lógica de pouca autonomia entre estudantes. Por um lado, os educadores e os propósitos humanistas, que deram à disciplina da história uma maior pluralidade ao trabalhar com narrativas menos etnocêntricas e androcêntricas, são corriqueiramente atacados por setores da sociedade, notoriamente de direita, que enfurecidos justificam estar protegendo a família. Enquanto, por outro lado, conglomerados multimilionários tentam promover e introjetar na educação básica um tipo de ensino “moderno” que visa aprimorar habilidades técnicas de estudantes a fim de inserir a nova mão de obra no sistema capitalista (BITTENCOURT, 2018).

Se os desafios do tempo presente são diversos, apenas o esforço de professoras e professores de história e de pesquisadoras e pesquisadores do campo e suas trocas de experiências e reflexões podem trazer esperanças para combater a hostilidade em prol da defesa, da legitimidade da sua profissão e de uma educação libertadora. Dialogando com a máxima de Sônia Meneses, “navegar é preciso, mas compreender também é preciso” (2020), propõe-se conhecer o mar revolto e traçar os melhores caminhos para sobreviver aos turbilhões em nossas jornadas. Com esse objetivo, o dossiê *Ensino de História e os desafios do tempo presente: disputas de narrativas, mídias sociais e negacionismos*, proposto por Wilian Junior Bonete (ICH/UFPE), Arnaldo Martin Szlachta Junior (PPGH/ UFPE) e Lisiane Sias Manke (ICH/ UFPE), traz discussões acerca das disputas de narrativas no ensino de história

e quais são os impacto das mídias sociais e dos negacionismo para a construção do conhecimento histórico, temas que são abordados pelos dezoito artigos e pela entrevista que compõem o presente lançamento da revista *Aedos*.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe. Reflexões sobre o ensino de História. *Estudos Avançados*, v. 93, n. 32, p. 127-149, 2018. <https://doi.org/10.5935/0103-4014.20180035>

LAVILLE, Christian. A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de História. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 19, n. 38, p. 125-138. 1999. <https://doi.org/10.1590/S0102-01881999000200006>

MENESES, Sônia. Navegação histórica no turbilhão das redes. *Humanas pesquisadoras em Rede*. 23/07/2020. Disponível em: <https://bityli.com/NiEVi>. Acesso: em 14 jan. 2021